FEMINISMO PRA QUÊ? – PROJETO DE INTERVENÇÃO FEMINISTA COM AS JOVENS ESTUDANTES

Ana Carla Tavares Franco[1]

RESUMO

A adolescência e a juventude configuram fases importantes na formação da personalidade das mulheres, momentos que são envoltos de muitas dúvidas sobre a sexualidade, reprodução, aceitação do seu corpo, afetividade, lazer, seu papel social e definição de seu futuro. Neste contexto, verificamos no cotidiano e muitas vezes estampados nos jornais, problemas nas relações entre as jovens estudantes que se envolvem em conflitos por disputas nas escolas, demarcando a aceitação em seu meio social através de padrões de beleza, liderança de seus grupos e de disputa de parceiros, que chegam à agressão física. Além disto, as dificuldades relacionadas ao preconceito, discriminação, violência de gênero e assédio dos colegas e por vezes professores, permeiam a convivência dessas jovens no ambiente escolar.

Debater questões de gênero, feminismo, o que significa, para que serve, as conquistas do movimento feminista, formas de atuação e suas interseccionalidades vem a ser a ferramenta para enfrentar estes anseios e dificuldades que a juventude feminina vivencia. O projeto de intervenção feminista "Feminismo pra quê?" em parceria com

[1] Universidade Federal do Pará – UFPA. Marcha Mundial das Mulheres - Brasil

os(as) professores(as) da disciplina de sociologia no ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Ramiro Olavo de Castro, localizada no bairro da Guanabara, município de Ananindeua-Pará, periferia da região metropolitana de Belém, objetiva realizar rodas de conversa sobre a temática, troca de experiências, exposição de documentários e por fim construção de um relatório expondo a visão das jovens sobre o feminismo antes e depois das atividades realizadas, como interferiu no modo de pensar e de viver esses enfrentamentos.

Palavras chave

Feminismo; Juventude; Escola.

ABSTRACT

Teenagerhood and youth are important phases on the building of women personality. There are moments full of doubts about sexuality, reproduction, acceptance of their own bodies, affectivity, recreation, their social role and definition of their futures. In this context, we observe on the day-by-day, and often printed in the newspapers, problems in the relations between the young students who engage in conflicts for disputes in the schools, demarcating the acceptance in their social environment through standards of beauty, leadership of their groups and dispute of partners, which includes physical aggression. In addition, there are difficulties related to prejudice, discrimination, gender violence and harassment of colleagues and, sometimes, teachers, that permeate the coexistence of these young people in the school environment.

Debating on issues of gender, feminism, what does it means and what is its utilities, the achievements of the feminist movement, forms of action and

intersectionality, serves as a tool to face these anxieties and difficulties that the female youth experiences. The project of feminist intervention "Feminism for what?", a partnership with the teachers of the sociology discipline in the high school of the Elementary and Middle School Ramiro Olavo de Castro, located in the Guanabara neighborhood, in the city Ananindeua, Pará State, Brazil, a municipality in the peripheric zone of the metropolitan region of Belém, aims to conduct a talk about the theme, exchange experiences, do documentary expositions and, finally, build a report exposing the vision of young women about feminism before and after the activities carried out, how they interfered in the way of thinking and living these confrontations.

KEYWORDS: Feminism; Youth; School.

I. Introdução

As diversas formas de preconceito relacionados ao gênero e sexualidade que muitas jovens passam no período da adolescência e juventude, além das questões de violência de gênero que acompanham por toda a vida as mulheres, são os principais problemas que motivam a execução deste trabalho de intervenção feminista na sala de aula com alunas do ensino médio.

O ensino médio pode ser entendido como momento final do processo de formação básica, uma passagem crucial na formação do indivíduo – para a escolha de uma profissão, para a progressão nos estudos, para o exercício da cidadania, conforme diz a lei, e a presença ou ausência da Sociologia é, desde já, indício de escolhas, sobretudo no campo político, como consta nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Ciências Humanas e suas Tecnologias, do Ministério da Educação. Na publicação complementar aos Parâmetros Curriculares Nacionais é proposto ao professor/a apresentar a/ao aluno/a ou solicitar a estes que tragam para a sala de aula diferentes discursos explicativos da realidade (textos, artigos de jornal, material

audiovisual) para serem analisados, comparados e diferenciados a partir do maior ou menor rigor científico de cada um, para, no final, o/a aluno/a ser capaz de produzir uma versão criteriosa da realidade observada utilizando-se dos recursos metodológicos da sociologia, ao mesmo tempo sendo possível apontar os limites do conhecimento baseado no senso comum.

Neste sentido, o projeto "feminismo pra quê?" é feito em parceria com os(as) professores(as) da disciplina de sociologia no ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Ramiro Olavo de Castro, localizada no bairro da Guanabara, município de Ananindeua-Pará, periferia da região metropolitana de Belém, com o objetivo de realizar rodas de conversa sobre a temática, troca de experiências, exposição de documentários, como ferramenta pedagógica a construção de um fanzine pelas jovens participantes sobre suas percepções de feminismo e relação com seu cotidiano, e por fim construção de um relatório expondo a visão das jovens sobre o feminismo antes e depois das atividades realizadas, como interferiu no modo de pensar e de viver esses enfrentamentos. A presente investigação dessas percepções continua em andamento, pois ainda haverão mais encontros com as jovens devido ao interesse das mesmas e da professora parceira do projeto na referida escola.

A construção do presente trabalho partiu de ordem autônoma mediante participação da autora no GEPEM – Grupo de Pesquisa de Gênero Eneida de Moraes da Universidade Federal do Pará – UFPA, coordenado pela Profª Luzia Miranda, que contribuiu com o arcabouço teórico conceitual. Além da vivência militante na Marcha Mundial das Mulheres, que impulsionou a fazer intervenção feminista junto à juventude, perceber como a pauta chega às jovens que não são participantes de movimentos sociais e perceber o avanço ou não da pauta entre as jovens.

II. Marco teórico/marco conceitual

O trabalho se fundamenta nas teorias de Simone de Beauvoir em sua

publicação "O segundo Sexo" (1949) para fomentar o debate sobre a gênese do patriarcado "O MUNDO sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré- -história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher." (BEAUVOIR, 2002, p. 81), bem como a participação das mulheres na política ao longo da história.

Para o debate das origens do movimento feminista, o que é o movimento feminista, se alicerçaram com a publicação de Ana Isabel Álvarez González "As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres" (2010).

Sobre o debate de interseccionalidades do feminismo, feminismo negro e desvalorização da mulher negra, ampararou-se na publicação de Bell Hooks "Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo" (2014). ´

> Andando para trás para a escravatura, o povo branco estabeleceu uma hierarquia social baseada na raça e no sexo que classificava os homens brancos em primeiro, as mulheres brancas em segundo, algumas vezes iguais aos homens negros, que eram classificados em terceiro e as mulheres negras em último. O que isto significa em termos de política sexual de violação é que se uma mulher branca fosse violada por um homem negro, seria

> visto como mais importante, mais significativo do que milhares de mulheres negras violadas por um único homem branco. (HOOKS, 2014, p.40).

O debate a respeito de percepções sobre aborto se alicerçou na publicação de Miriam Abramovay "Juventudes e Sexualidade*"*(2004), apresentando dados sobre aborto que abrem reflexão para legalização como ferramenta de proteção a saúde das mulheres.

> Entre 42,0% e 68% dos jovens afirmam que conhecem moças ou mulheres que fizeram aborto. Por ser um tema que socialmente é mais atribuído ao universo feminino, tivessem mais informações sobre esse assunto do que os meninos. O que é confirmado: o percentual de moças que conhece alguém que já fez aborto é superior (entre 54,5% e 86,6%) ao constatado para os meninos (de 31,7% a 59,9%) [...] Professores comentam que, independente de o aborto ser ou não legalizado, abortos são feitos no país, e em grande quantidade, com risco de morte para as mulheres (MIRIAM, 2004, p. 251 e 252).

Além disso, foram feitos levantamentos sobre a existência da pauta feminista e seus movimentos nas publicações do Ministério da Educação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio / Ciências Humanas e Suas Tecnologias para auxiliar na análise dos dados e perceber sua influência sobre o conhecimento das jovens envolvidas no trabalho e nas sugestões apontadas no a publicação "Coleção Explorando o Ensino. Sociologia" (2010).

> A teoria, por um lado, e o recurso didático, por outro, permitem tratar de temas muito presentes na vida dos alunos, como mediações que produzem aqueles dois efeitos indicados nas OCEM-Sociologia: estranhamento e desnaturalização. Os fenômenos gravidez na adolescência e violência contra as mulheres, tomados como temas, deixam de ser naturais, isto é, invisíveis, coisas a que todos estão acostumados e que sobre o que não há necessidade de explicação, e tornam-se objetos de estudo, estranhos, recorrendo-se às mediações de teorias (recurso científico) e cinema (recurso didático) para serem compreendidos, e vistos agora de um outro modo. (BRASIL, 2010, p.53)

III. Metodologia

Foram selecionadas pela professora de sociologia, Jucirene Silva de Araújo, da Escola Prof. Ramiro Olavo, 15 alunas com faixa etária entre 17 e 20 anos, ressaltando que iriamos fazer a atividade somente com as garotas. A professora informou que foi feita atividade em sala de aula sobre feminismo à ocasião do oito (8) de março, seguindo o currículo da disciplina de sociologia para o ensino médio.

Realizamos rodas de conversas sobre feminismos, interseccionalidades, as percepções iniciais das jovens sobre o movimento feminista e as percepções após o desenvolvimento das atividades:

Confecção de um fanzine fazendo relação da compreensão incial de feminismo das jovens com o cotidiano. O uso da ferramenta de educação popular, a educomunicação, neste trabalho é de suma importância para reflexão e construção do discurso das jovens envolvidas sobre as problemáticas que as

mesmas enfrentam socialmente relacionadas ao gênero;

Construção de um relatório expondo a visão das jovens sobre o feminismo antes e depois das atividades realizadas, como interferiu no modo de pensar e de viver esses enfrentamentos.

IV. Análise e discussão dos dados

No primeiro encontro realizado em Agosto de 2017 foi feita a apresentação das jovens incluindo a pergunta sobre o que se deseja fazer ao terminar o ensino médio e se participa de algum movimento social. Todas as alunas relataram não participar de movimento social, a maioria das alunas tinha como plano ingressar no nível superior em diversas áreas, somente duas alunas apontaram o desejo de ingressar no ensino técnico. Neste sentido, foi dialogado com as jovens sobre as questões de acesso ao nível superior e as mesmas apontaram conhecer a perspectiva de dificuldade de acesso e em futuro bem próximo essas dificuldades aumentarem.

Em seguida, o debate girou em torno da visão que as jovens possuíam sobre feminismo, o que já tinham ouvido falar sobre, onde viram, se achavam positivo ou negativo. Todas elas responderam uma a uma expondo a maioria ter uma visão positiva, que já viram visões negativas mas que consideravam uma forma de diminuir a pauta, que tiveram acesso através das redes sociais. A alusão maior da pauta foi feita em torno da violência doméstica, momento que muitas jovens relataram casos de abuso com pessoas da família ou próximas, situações de abuso infantil, violência física contra mulheres casadas e faziam alusão ao feminismo no sentido de que essa situação precisa acabar e essa pauta existe para isso, assim como foi debatido sobre a Lei nº 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, seus limites e sua efetividade. Neste sentido, seguiu a discussão sobre questões afetivas, romantização das relações e o que isso influencia na vida

das mulheres que não conseguem sair de um relacionamento abusivo, além das questões financeiras que colaboram em muitas situações, debate que surgiu a partir do julgamento dessas mulheres, instigando dessa forma qual é nosso papel enquanto mulher em relação ao acolhimento dessas mulheres.

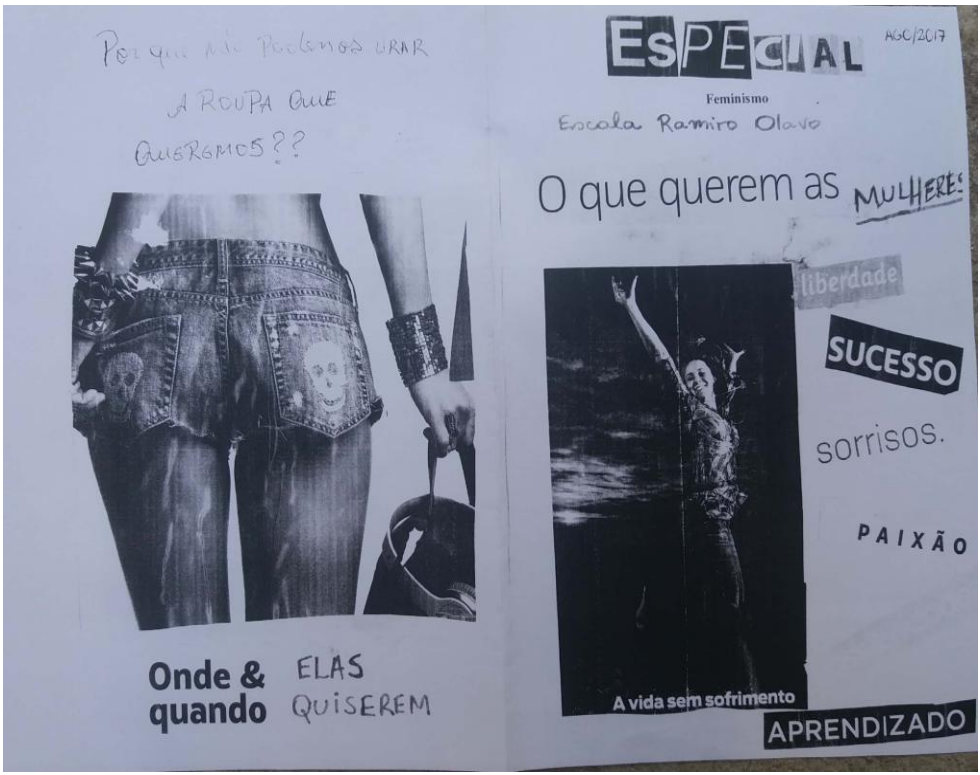
Foi dialogado sobre a gênese do patriarcado e o movimento feminista, trazendo a leitura de Simone de Beauvoir, em "O Segundo Sexo", instigando a reflexão de como começou tudo isso, porque vivemos essa realidade para compreensão de que meios seguir para encerrar com esse ciclo. As jovens foram bastante receptivas e dialogaram a respeito entrando no debate da participação feminina nos espaços de poder, pois pelo curso da história as decisões foram tomadas pelos homens, a inserção das mulheres nas escolas, universidades e mercado de trabalho. Porque as mulheres não tem poder sobre seus corpos, não podem vestir o que querem, pois convivem com o moralismo que há sobre a vestimenta da mulher por questões religiosas.

Também foi dialogado sobre a existência de vertentes feministas, porque elas existem, suas diferenças, mas sem aprofundamento sobre a significação de cada vertente e o que é o movimento feminista, como ele atua, quem são as feministas amparado na publicação "As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres" (2010). Neste primeiro momento não havia planejado entrar na pauta sobre aborto, mas uma jovem em tom de segredo perguntou qual era a visão feminista sobre aborto, o que o movimento feminista defende, abrindo o debate para a abordagem do aborto como respeito a decisão da mulher sobre seu corpo, da questão de saúde pública e da desigualdade de tratamento das mulheres negras e pobres entre as brancas e com maior poder aquisitivo, o que não gerou polêmica e as jovens demonstraram compreender o ponto de vista fazendo defesa a decisão das mulheres sobre a maternidade. Neste grupo haviam três alunas

grávidas e o debate acabou fluindo para questões da maternidade compulsória, pressão da sociedade sobre as mulheres, cobranças da maternidade, o que vai influenciar no nosso futuro.

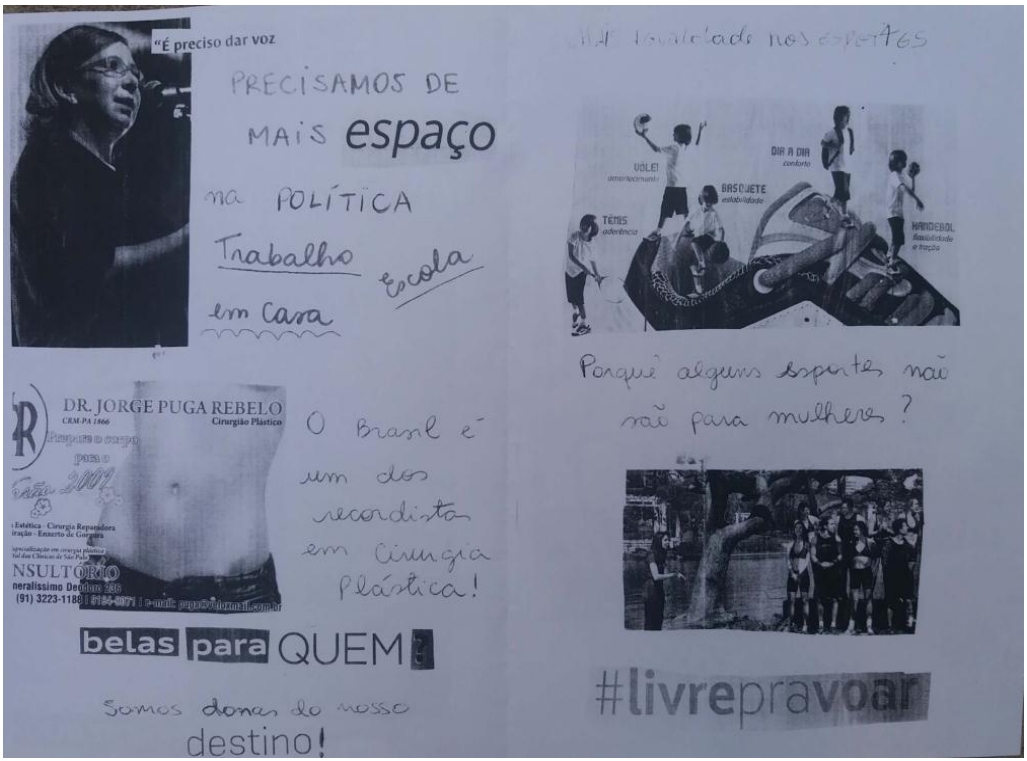
Para finalizar, foi feita uma oficina para confecção de um fanzine em que as jovens expressariam o que elas fazem de alusão do feminismo com seu cotidiano de acordo com o que conversamos durante a atividade.

Fotografia 1 – Capa e contra capa do fanzine



Fonte: Franco (2017)

Fotografia 2 – Páginas internas do fanzine



Fonte: Franco (2017)

No segundo encontro realizado em novembro de 2017 foi feita uma roda de conversa sobre interseccionalidades do feminismo, com ênfase no feminismo negro mediante a conjuntura do mês de novembro ter as datas do dia 20, dia da consciência negra, conversando sobre a luta pela liberdade dos escravos negros, a importância de Dandara que não é tão lembrada quanto Zumbi dos Palmares, e o dia 25 que é o dia latino americano e caribenho de luta pelo fim da violência contra as mulheres, apresentando texto com os dados sobre o aumento das estatísticas de violência contra as mulheres negras, dessa forma fazendo o recorte de raça e classe.

As jovens fizeram relatos de como percebem o racismo associado ao

machismo, algumas relataram não ter sofrido racismo mesmo sendo negras, mas ao ser questionadas sobre alguns exemplos cotidianos citados por outras jovens,

assumiam ter sofrido mas que isso não impactou de forma significante, que preferiam seguir sem problematizar isso. Conversamos sobre a participação das mulheres negras nos espaços de poder, no mercado de trabalho e feita uma discussão sobre feminismo negro com base nos argumentos de Bell Hooks em "Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo", abordagem histórica sobre a desvalorização da mulher negra, objetificação de seus corpos, mercantilização, sexualidade e a importância desse recorte, que as interseccionalidades no feminismo não surge no sentido de fragmentar a luta ou fazer divisão, e sim para expor as diferentes necessidades das mulheres, que são diferentes, não são uma massa homogênea.

Foram bem recebidos os conceitos e as jovens fizeram relação com seus cotidianos, a realidade do dia a dia, lembrando inclusive de preconceitos contra o público homosexual, trans, lembraram da novela que tinha sido transmitida neste ano pela Rede Globo, "A força do Querer", que possui uma personagem trans, uma menina que desejava fazer a transição, e todo o dilema que a personagem enfrentou para realizar seu intuito, com isso entraram em conceitos sobre sexo, identidade de gênero e orientação sexual, a pressão do conservadorismo nas questões de respeito a decisão individual das pessoas, que é algo que compete só a elas. Uma jovem relatou que apesar de se sentir conservadora, porque a família dela assim era, ela não via sentido em discriminar ou tomar atitudes violentas com pessoas que não a prejudicam em nada, que é necessário haver respeito pelo diferente, independente de suas concepções conservadoras.

Desta forma, foi feita a abordagem do poder do patriarcado e do

machismo nessas relações e chamar as jovens à reflexão de como a heteronormatividade pode ser prejudicial na construção desse respeito que deve existir entre a diferença que somos, como a jovem havia acabado de relatar, e entraram no debate de ser uma evolução geracional, que elas se percebem mais conhecedoras de algumas informações que suas avós, mães e tias não tiveram acesso e a importância da mulher impor limites aos homens sobre o que querem, não aceitar mais caladas, fazer a escolha livre de imposição. Ao final, uma das alunas grávidas entrou no assunto de sua gravidez, que se aproximava o dia do parto, e dialogamos sobre violência obstétrica, do medo da falta de amparo e compreensão sobre aquele momento, as jovens relataram experiências de violência obstétrica que mulheres próximas, da família tiveram que passar, e debatida a importância dessa realidade mudar, que as mulheres necessitam serem respeitadas e amparadas todas, sem distinção, encerrando o debate devido ao teto que tinham para voltar as suas atividades escolares.

Este trabalho continua em andamento, agora na perspectiva de pesquisar os meios de acesso as pautas feministas, como contribuem na percepção que as mesmas possuem sobre e a importância da relação com os movimentos sociais para debate de conceitos e práticas do movimento feminista no sentido de mudar seus cotidianos e buscar sua felicidade, melhora de suas relações.

V. Conclusões

A primeira impressão sobre a movimentação da cultura machista, mesmo que tênue, se deu com a seleção somente das meninas para a atividade, onde se percebeu certo desconforto, que as mesmas admitiram no desenrolar da atividade. A intenção era reunir somente elas e fomentar um diálogo mais franco entre mulheres, livres de julgamentos, e as mesmas aceitaram bem as propostas. As

jovens de religião evangélica demonstram mais desconforto para falar sobre certos temas, mas ficam atentas no debate, procurando absorver tudo o que as demais dialogam.

Foi perceptível o conhecimento que as mesmas possuem sobre feminismo e como fizeram relação com seu cotidiano, fato que pode ser explicado pela atuação da professora Jucirene Araújo, que segue os parâmetros nacionais para o ensino médio de forma crítica, bem como a disseminação da pauta nas redes sociais e na mídia, o que me instigou a pesquisar quais são as fontes e como elas as interpretam pra sua realidade.

Portanto pode-se considerar determinante o papel da educação de forma crítica, emancipatória como importante ferramenta para reter o avanço de pautas conservadoras, bem como se faz necessário diálogo com os movimentos para reforçar as teorias feministas e de construção de sociedades com equidade, com repeito e aceitação da diferença, de defesa dos direitos humanos. A ferramenta da educação popular aliada à um ensino que se utiliza de metodologia que instiga a criticidade, a formação de opinião é importante para avançar com pautas progressistas.

Por fim, este trabalho não está encerrado, haverão novos encontros em que pretendo buscar as fontes de conhecimento sobre as pautas feministas e como as mesmas interpretam.

Recebido em 20 de maio de 2018.
Aprovado em 22 de julho de 2018.

VI. Bibliografía

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil,

2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Ciências Humanas e suas tecnologias.** Secretaria de Educação Básica. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Ciências Humanas e suas tecnologias* / Secretaria de Educação Básica. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Sociologia: ensino médio**. Coordenação Amaury César Moraes. Coleção Explorando o Ensino. Sociologia. Volume 15. Ensino Médio. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. 1ª Edição. Editora Expressão Popular. Sof – Sempreviva Organização Feminista. São Paulo, 2010.

HOOKS, Bell. **Ain't a woman? Black women and feminism**. Tradução livre para a plataforma Gueto, Janeiro, 2014.